

Quando professoras leem literatura...

Uma reflexão sobre o processo de formação continuada de professoras de Sala de Leitura

ANA PAULA SILVA BOTELHO DE MACEDO
JOSIANE DE SOUZA SOARES



Neste texto temos a intenção de refletir sobre o processo de formação das professoras da Rede Municipal de Educação e Cultura de Itaboraí (RJ) que atuam como docentes de Sala de Leitura. Inicialmente, esclarecemos que as Salas de Leitura, no referido município, configuram-se como um projeto desenvolvido pela Subsecretaria Municipal de Gestão e Ensino e, há mais de quatro anos, acontece em algumas escolas da Rede, atendendo a alunos de diferentes segmentos e modalidades da Educação Básica. O grupo de professores que atua no projeto é bastante heterogêneo, composto por profissionais com diferentes titulações; assim, temos docentes com formação em nível médio e docentes com formação em nível superior, em dife-

rentes áreas, a saber: Letras, História, Matemática, Educação Física, Pedagogia.

Em seu tempo de existência, o projeto vem sofrendo algumas alterações em seus objetivos e orientações teórico-metodológicas. Até o ano de 2008, por exemplo, o seu foco não era o trabalho com a literatura e sim com a “variedade textual”, tendo como objetivo “sensibilizar para o prazer de ler”. A partir de 2009, o projeto começou a trilhar novos caminhos, voltando-se para a literatura, mais especificamente para a literatura produzida para crianças e jovens, visto que essa é a faixa etária privilegiada pelo trabalho. Em sua reformulação, o projeto passou a ser concebido como uma possibilidade de contribuir para o letramento lite-

rário da comunidade escolar, compreendendo o “letramento literário como o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos” (PAULINO e COSSON, 2009, p. 67). E por que essa mudança, ou seja, por que a opção pela literatura?

Optamos pela literatura porque a concebemos, tal como Cándido (1972), como força humanizadora, que revela o ser humano e, ao mesmo tempo, age em nossa formação, suscitando questões, potencializando sentidos, tensões, conflitos, ajudando-nos a compreender o mundo que nos cerca, bem como levando-nos a produzir novas compreensões sobre quem somos e sobre como podemos ser, independente de sermos criança, jovem, adulto. Entendemos que a literatura permite-nos, por meio do espelho da ficção, olharmos de frente para os enigmas da existência humana e para a complexidade das relações sociais, sem que nos imobilizemos diante dos mesmos.

No que cabe, particularmente, à formação do leitor, compreendemos, tal como Oliveira (2010), que o leitor, à medida que se desenvolve, pode optar por textos, partindo de seus próprios interesses, sejam artísticos, como é caso da literatura, ou não, como é o caso dos textos científicos, jornalísticos, didáticos. No entanto, conforme sinaliza Paulino (1999), o leitor que se forma vivenciando a fantasia, a criação, a apreciação estética, poderá percorrer autonomamente outros caminhos e ocupar-se de outros interesses, mas estes sempre estarão associados à experiência estética. Neste sentido, ressaltamos o papel fundamental da escola na promoção dessas experiências, pois sabemos, sobretudo quando falamos em alunos de classes populares, que a experiência com o universo da literatura está arraigada à escolarização.

Se concordarmos que a escola é uma das principais agências de letramento literário, o professor aparecerá como o principal mediador das leituras literárias. No entanto, como sugere o discurso acadêmico, a literatura ainda não é um objeto de ensino privilegiado nos cursos de formação inicial de professores: Frigotto (2009) aponta que a literatura não faz parte do elenco de conhecimentos que integram a formação do estudante de Pedagogia e que, deste modo, tal formação fica restrita, na maioria dos casos, àquela recebida na Educação Básica. Já Batista (2007) demonstra que mesmo a graduação em Letras não garantiu àqueles estudantes cujas famílias não dispunham de certo capital cultural uma inserção mais ampla no universo da cultura literária. Soares (2010), em sua pesquisa de mestrado, pôde constatar

que o ensino da literatura não é tópico privilegiado, mesmo na formação em Letras.

Sendo assim, a concretização do objetivo do projeto – contribuir para o letramento literário da comunidade escolar – nos impunha e ainda nos impõe muitos questionamentos e desafios: qual a experiência do professor de Sala de Leitura com leitura literária? Quem garante a formação leitora do professor? De que modo afiançar a inserção dos docentes no debate teórico sobre os processos de escolarização da leitura literária? Como garantir o acesso dos professores a materiais de qualidade, face à grande indústria da produção literária destinada a crianças e jovens?

Foi buscando, portanto, algumas respostas possíveis para tais questionamentos que começamos a trilhar, junto com o grupo de professoras, um caminho de formação que nos garantisse possibilidades de inventarmos práticas pedagógicas efetivas com a literatura. Bakhtin (1929) postula que o sujeito é constituído pela linguagem e que sua consciência forma-se a partir das interações ideologicamente marcadas pelo horizonte social de cada grupo que compõe uma sociedade; Tardif (2007) destaca a heterogeneidade dos saberes docentes e descreve as diferentes fontes dais quais tais saberes emanam, dando real importância aos saberes da experiência. Para caminharmos, o diálogo com esses autores foi fundamental para que fizéssemos determinadas escolhas e trilhássemos alguns caminhos. São, pois, tais escolhas e caminhos que passamos a relatar na sequência deste texto.

A FORMAÇÃO COMO ESPAÇO DE ENCONTROS

A primeira ação de formação foi batizada de “Encontros de Sala de Leitura”. Conforme indica o próprio nome, esse momento foi pensado como um lugar de encontros, no qual as professoras pudessem reviver e compartilhar as suas experiências pedagógicas, incorporando, assim, novos conhecimentos às suas práticas como docentes de Sala de Leitura.

Nosso primeiro encontro aconteceu em 2009, com um grupo ainda bem menor de professoras. Naquele momento, começamos a discutir e a redesenhar os objetivos, a estrutura e o funcionamento do projeto, debatendo tanto as questões didático-pedagógicas, quanto as ligadas ao mundo do trabalho (carga-horária, infraestrutura, funções, etc.). Tínhamos, pois, o embrião de nossas ideias. Nossos encontros prosseguiram, tentando não perder de

vista seu objetivo inicial. Atualmente, acontecem mensalmente e configuram-se como um espaço de debate de temas pertinentes à prática, no qual há possibilidade de trocas de experiência, elaborações de propostas pedagógicas. É também o momento em que, coletivamente, decidimos o encaminhamento do projeto.

Ao longo do período que se estende de 2009 a 2012, os Encontros de Sala de Leitura sempre foram um espaço de ler literatura. Nessas leituras, buscamos uma forma de reflexão sobre as nossas experiências leitoras e nossas experiências profissionais como professoras. Assim, textos e autores que tratam dessa temática povoam as nossas discussões: Bartolomeu Campos de Queirós e seu *Ler escrever e fazer contas de cabeça*¹; Nilma Lacerda e seu *Manual de tapeçaria*²; Ziraldo, com o seu *Uma professora muito maluquinha*³; Machado de Assis, com seu *Conto de escola*⁴; Graciliano Ramos e seu *Infância*⁵; André Neves e seu *A caligrafia de Dona Sofia*⁶; Lygia Bojunga e seu *A casa da madrinha*⁷; entre outros. Assim, entre textos e trechos, podemos refletir sobre a nossa própria constituição como docentes, ajudando-nos a responder: “Quem sou eu, professora de Sala de Leitura?”. Eis algumas respostas:

Sou às vezes uma adolescente compartilhando experiências da própria vida e de leituras que fiz, nas quais me emocionei, de forma alegre e triste e que, em muitos momentos, me transportei para os lugares que eram descritos pelos livros... às vezes sou aquela que conta e dramatiza histórias e oportuniza momentos de informação e criação dos alunos. Às vezes sou palhaça, às vezes séria, às vezes expectadora do espetáculo realizado pelos alunos. (grifo da autora)

Sou professora com mais de vinte anos de alfabetização, que se depara com uma nova situação, medos, anseios, expectativas e inquietações.

... às vezes me sinto como a professora maluquinha de Ziraldo, outras vezes gostaria de ser como a da Lygia Bojunga com sua mala recheada de pacotes com cores variadas e segredos. Quem sabe eu até consigo me encontrar um dia, num Manual de tapeçaria de Nilma Lacerda. Quem sabe para tentar agradecer eu seja um pouquinho de tudo. Eu me descubro a cada dia.

Os textos transcritos foram produzidos pelas professoras em um de nossos Encontros de Sala de Leitura, após a leitura de trechos de alguns dos livros citados e do poema “Autorretrato”, de Mário Quin-

tana. Era final de semestre, reunião de avaliação e o desafio era pintar o nosso autorretrato como professoras de Sala de Leitura, dialogando com as professoras imaginárias. Foram muitos os textos, aqui é uma pequena amostra, mas neles podemos destacar alguns aspectos.

A leitura literária é o espaço de compartilhar experiências. Ser professor de Sala de Leitura é proporcionar a experiência leitora ao outro. A literatura não tem obrigação com o conhecimento, mas o promove, pois ensina, informa, ainda que a criação seja a sua essência, como sublinha a primeira professora.

Ter vinte anos de experiência, nos ensina a segunda professora, não garante todo saber necessário ao fazer docente; as inquietações, os medos, as expectativas nos assombram diante do novo.

A terceira professora convida as personagens ao seu enunciado: é a “professora maluquinha”, fora do padrão, podemos pensar se atentarmos para a carga semântica do adjetivo “maluquinha”; quer ter um elemento mágico para dar conta das demandas do dia a dia, nos revela ao desejar a maleta da professora de *A casa da madrinha*; desvenda seus conflitos, questionamentos, indignação, ao desejar estar no *Manual de tapeçaria*, de Nilma Lacerda.

Como nos ensinam esses textos e confirma Geraldi (1996), “a literatura tratando de um mundo que não é nos fornece categorias de compreensão do mundo que é”. A literatura, falando de professoras de ficção, nos dá a dimensão da professora ou professor que somos ou desejamos ser.

LIVROS E MAIS LIVROS

A relação entre literatura infantojuvenil e escola sempre foi muito estreita, sendo a escola responsável por alavancar a própria produção literária para crianças em nosso país. Ainda hoje a escola poderia ser considerada o grande mercado consumidor dessa literatura.

Ao considerar tal relação e atentar para a grande indústria da produção livresca destinada a crianças e jovens, desde o início do projeto, era latente a necessidade de uma ação de formação que garantisse a aproximação mais intensa das professoras de Sala de Leitura com essa produção. Assim, desde 2009, temos encontrado no *Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens*⁸ um momento de formação que tem favorecido a reflexão sobre essa produção literária. Há três anos, vimos participando do primeiro dia do Salão, que é destinado exclusivamente a professores. No

primeiro ano apenas o visitamos; todavia, nos anos subsequentes, foram garantidas verbas, ainda que simbólicas, destinadas à aquisição de livros para compor os acervos das Salas de Leitura.

Embora as compras não sejam, necessariamente, realizadas no Salão, consideramos este um dos espaços para apreciação da produção literária para crianças e jovens, favorecendo, assim, a tomada de decisões mais conscientes e consistentes, à medida que podemos ter contato direto com os materiais e avaliá-los, além de trocar conhecimentos e impressões na hora da seleção, uma vez que contamos com o coletivo de professoras atuantes no projeto.

Sabemos que programas governamentais, como o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), têm garantido a chegada de livros de literatura de qualidade às escolas públicas. Esse material é selecionado por especialistas e, portanto, fundamenta-se em critérios diferentes daqueles que são próprios do saber da experiência. Assim, as idas ao Salão são uma tentativa de garantir às professoras do projeto a possibilidade de escolher os livros de acordo com as suas realidades escolares, seus projetos pedagógicos, tendo como critério basilar o saber da experiência que lhes é próprio.

DIÁLOGOS COM O SABER TEÓRICO

 e o saber da experiência é fundamental na condução do processo pedagógico, o diálogo com os saberes teóricos é fundamental para lançar luz, debater, pôr em xeque e ressignificar os saberes produzidos na esfera escolar.

Ressaltamos, ainda, que para o professor de Sala de Leitura a literatura tem um duplo papel, pois, além de se configurar como elemento formativo desse sujeito, é também seu instrumento de trabalho, exigindo, assim, do profissional uma reflexão mais apurada desse objeto, bem como um conhecimento de formas mais adequadas de escolarizá-lo. Logo, a possibilidade de diálogo com o saber teórico é fundamental.

Desde 2010, outra ação de formação do projeto busca favorecer o diálogo entre os saberes por meio de participações sistemáticas em eventos acadêmicos que abordem questões relativas à leitura, à literatura e à formação de leitor.

Destacamos a participação no 6º Encontro de Literatura Infantil e Juvenil da Faculdade de Letras da UFRJ (2010), no I Encontro de Alfabetização e Leitura Literária, promovido pelo PROALE-FEUFF (2010). Enfatizamos a inserção das professoras no

espaço da universidade pública e, portanto, no centro do debate teórico e da produção do conhecimento científico. Observamos, por meio de relatos e escritas, a importância desse diálogo para a validação dos saberes produzidos no âmbito da escola, para a sua releitura, bem como para o abandono de certos modos de saber-fazer, à medida que outras possibilidades mais efetivas são vislumbradas e discutidas.

No ano de 2011, dando continuidade ao aprofundamento teórico das questões relativas à leitura e à literatura, a parceria com o PROALE possibilitou a realização de um curso de extensão intitulado “Leitura e formação do leitor literário”. O curso ocorreu em uma escola municipal em Itaboraí, atendendo, além dos professores do projeto, a outros profissionais da rede. Cabe destacar aqui que, além de um lugar de debate teórico sobre leitura e literatura, o curso também foi um espaço de leitura literária. A disponibilização dos acervos que compõem os *Catálogos Comentados de Literatura Infantojuvenil Patrimônio e Leitura*, produzidos pelo IPHAN, em parceria com o PROALE e o curso de Especialização em Literatura Infantojuvenil do Instituto de Letras da UFF, garantiu esse espaço de leitura. Desse modo, a cada semana, além dos textos e livros lidos e estudados durante a aula, os alunos faziam empréstimos deste acervo, o qual também foi trabalhado em um encontro específico do curso.

Destacamos que a proposta, o planejamento e a realização do curso surgiram de uma demanda do grupo, assim os temas ali tratados foram selecionados a partir das observações das dúvidas, questionamentos, necessidades e vazios que foram sendo percebidos e relatados ao longo dos anos anteriores de realização do projeto. A abertura da equipe do PROALE ao diálogo com a equipe de coordenação do projeto possibilitou que a proposta de formação superasse o caráter “aplicacionista e/ou transmissivo”, que às vezes dá a tônica a alguns “pacotes fechados” que caracterizam certas propostas de formação docente.

Além da qualidade dos encontros, realçamos a proposta final, que consistiu na apresentação pelas cursistas de atividades realizadas com os alunos a partir de livros que compunham aqueles acervos. Assim, tivemos vários relatos de atividades bem-sucedidas de leitura literária na escola. É interessante ressaltar que entre as atividades apresentadas havia aquelas realizadas em função da proposta do curso, e outras realizadas em datas anteriores, mas que contemplavam os títulos que faziam parte do acervo. Acreditamos que esse dado nos dá algumas pistas

sobre a importância do envolvimento dos docentes em atividades de formação desse cunho, pois não só lhes ofereceu novos elementos para elaboração das atividades pedagógicas, como outras categorias para analisar práticas já realizadas, confirmando-as ou então lhes dando novos sentidos.

AS MARCAS DO TRABALHO

Registrar as práticas pedagógicas realizadas em sala de aula é outra ação que faz parte do processo de formação das professoras do projeto. Entendemos que, ao escrever, retomamos o vivido e tentamos lhe dar uma ordenação e uma coerência, encontramos os vazios, percebemos com mais nitidez os resultados, as possibilidades de melhora, os êxitos de uma prática pedagógica.

Esses registros são produzidos ao final de cada semestre. As professoras o apelidaram de “relatório”; no entanto, preferimos o termo registro, pois é exatamente o objetivo da ação: fazer um registro do processo de atividades e/ou projetos desenvolvidos com os alunos nas Salas de Leitura, como um meio de formar uma memória do projeto. Os escritos constituem, ainda, um material de consulta para outros professores, sendo, portanto, um meio de socialização de saberes relativos à prática pedagógica com a leitura literária.

A apreciação dos registros permite-nos observar uma sensível transformação em muitas das escritas ao longo desses três anos. É sensível a força que a literatura e a discussão sobre seus modos de escolarização vão ganhando nas escritas. Se analisarmos, por exemplo, os objetivos das atividades, perceberemos que, anteriormente, estes eram muito mais ligados ao tema a ser debatido. Questões relativas à formação do leitor, à análise e à apreciação da escrita literária, aos estilos de autores, ou aos gêneros dessa esfera quase não se faziam presentes. Os registros mais recentes já trazem essas questões, há uma significativa inserção de palavras do campo próprio dos estudos da literatura (técnica de ilustração, projeto gráfico, características do gênero, recursos estilísticos do texto, etc.) e outras pertinentes ao campo do ensino, como letramento, letramento literário, formação do leitor, entre outros.

Os registros não possuem e nem poderiam possuir, considerada a singularidade do fazer docente, uma única forma. Assim, há registros que optam por aproximar-se dos textos da esfera acadêmica; há outros, por exemplo, que parecem diários. Há registros grandes, em pastas, com muitos traba-

lhos dos alunos; há registros pequenos; há aqueles com muitas fotos, coloridos; há outros em preto e branco e alguns mais estilizados. Cada um expõe um pouco da dinâmica das Salas de Leitura nas escolas e revela os caminhos e os segredos de cada docente na condução de sua tarefa de formar leitores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante observar que este relato é apenas um recorte ou uma das facetas do projeto. Outros sujeitos poderiam entendê-lo ou narrá-lo de outro modo a partir de seus horizontes sociais. Quando revemos o funcionamento do projeto, temos certeza de que há, ainda, muitos desafios a serem superados e questionamentos a serem respondidos: primeiramente, o projeto não atende a todas as escolas e alunos da Rede, apesar de estar em expansão; em segundo lugar, a infraestrutura que nos é oferecida é bastante frágil – mesmo o grupo de professoras não é totalmente permanente (há casos de dobras, contratos); por último, somos subordinados a uma Secretaria Municipal de Educação e, como todos sabemos, às vezes somos condicionados pelos reveses dos jogos políticos.

Apesar dos limites e desafios, a observação das ações de formação desenvolvidas no âmbito do projeto permite-nos compreender que o trabalho desenvolvido tem possibilitado às professoras, por meio do diálogo com seus pares, pensarem sobre suas práticas e reinventá-las quando necessário. A inserção no debate teórico, por sua vez, tem lhes garantido novos modos de compreender a relação entre literatura e escola, entendendo aquela não somente como um recurso pedagógico para o tratamento de outros conteúdos escolares, mas como um real objeto de ensino; percebemos, ainda, que uma visão doutrinária da literatura infantil tem sido ultrapassada, o que pode ser verificado na seleção de livros que são trabalhados com os educandos; outro dado interessante é a autonomia na seleção do acervo a ser lido com os estudantes. A experiência de formação do projeto tem confirmado a urgência de um diálogo mais profícuo entre os saberes teóricos, produzidos pela universidade, e os saberes experienciais, próprios do universo escolar, como uma possibilidade de reinvenção do lugar da literatura na escola.

Quando as professoras leem literatura... é o título deste relato. Escolhemos a oração pelas possibilidades de sentidos. Se lhe damos um entonação de interrogação – “Quando professoras leem litera-

tura?” –, podemos responder que leem literatura também em seus momentos de formação continuada e, portanto, acreditamos que a leitura literária deve ter lugar assegurado nessas ocasiões. Se complementarmos a oração, poderemos destacar que, quando professoras leem literatura, *há possibilidades de renovação, de criação, de compreensão e resignificação de seus papéis e modos de fazer*. Por último, inserindo mais um complemento ao verbo *ler*, afirmamos: quando professores leem literatura *para os alunos*, potencializam, em cada sujeito, a sensibilidade, a dúvida, a curiosidade, a descoberta, a alegria, a tristeza, a indignação, a comoção diante do belo; ou seja, contribui para que cada sujeito potencialize sua própria humanidade. 🌱

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1929

BATISTA, A. Professores de português, formação superior, mestrado e leitura: um estudo de caso. In: PAIXÃO, Lea Pinheiro; ZAGO, Nadir (orgs.). *Sociologia da Educação: pesquisa e realidade*. Petrópolis: Vozes, 2007.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COSSON, Rildon e PAULINO, Graça. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, Regina e ROSING, Tânia M. K. (orgs.). *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.

FRIGOTTO, Edith. A emergência do letramento literário. In: DIONÍSIO, M.L.; CARVALHO, J.A.B.; CASTRO, R.V. *Discovering worlds of literacy*. Braga, Portugal: Littera – Universidade do Minho, 2010.

GERALDI, João Wanderley. *Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação*. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996, p. 88-9.

OLIVEIRA, Ana Arlinda. *O professor como mediador das leituras literárias*. In: Coleção Explorando o Ensino. Vol. 20. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

PAULINO, Graça. Para que serve a literatura infantil? In: ROSA, Cristina (org.). *Das leituras ao letramento literário*. Belo Horizonte: FAE-UFMG; Pelotas: UFEPel, 2010.

SOARES, Josiane de Souza. *Pra você ensinar, você tem que aprender – gêneros discursivos e ensino de língua materna: o que dizem as professoras de português*. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

1 QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *Ler, escrever e fazer contas de cabeça*. São Paulo: Global, 2004.

2 LACERDA, Nilma. *Manual de tapeçaria*. Rio de Janeiro: Revan, 2001.

3 ZIRALDO. *Uma professora muito maluquinha*. São Paulo: Melhoramentos, 1995.

4 ASSIS, Machado. *Conto de escola*. São Paulo: Cosacnaify, 2002.

5 RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

6 NEVES, André. *A caligrafia de Dona Sofia*. São Paulo: Paulinas, 2011.

7 BOJUNGA, Lygia. *A casa da madrinha*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2004.

8 O Salão FNLIJ do Livro para Criança e Jovens é um evento dedicado à divulgação da produção literária para infância e juventude. O evento ocorre anualmente, na cidade do Rio de Janeiro, e tem como tradição dedicar o primeiro dia à visita exclusiva e guiada de professores da Educação Básica.

Ana Paula Silva Botelho de Macedo · Especialista em Educação (UGF). Professora de Língua Portuguesa da Rede Municipal de Itaboraí e da Rede Estadual do Rio de Janeiro. Atualmente coordena o Projeto Sala de Leitura da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Itaboraí.

Josiane de Souza Soares · Mestre em Educação (UFF). Professora de Língua Portuguesa da Rede Municipal de Itaboraí e da Rede Estadual do Rio de Janeiro. Atualmente coordena o Projeto Sala de Leitura da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Itaboraí e atua como orientadora pedagógica do Programa de Alfabetização, Documentação e Informação (Proalfa-UERJ). Integra o grupo de pesquisa “Letramento Literário e Formação de Professores” (Faculdade de Educação-UFF).